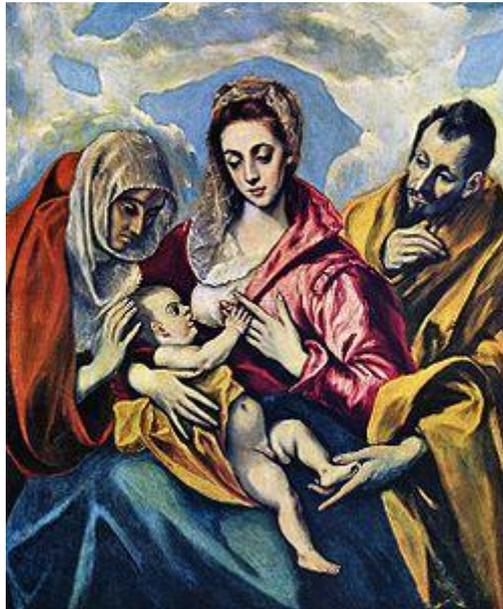


O homem *descartável* e o pai *necessário*



Por Geraldino Alves Ferreira Netto

O título acima é de autoria do falecido psicanalista Leite (2.000, pág. 89). Mas a ideia veio da teorização de Lacan sobre a função paterna, na mesma linha de Freud, no sentido de afastar-se sempre da biologia em direção ao psíquico e ao simbólico. E a proposta lacaniana dos três registros do Real, Simbólico e Imaginário foi um achado perfeito para a leitura das modernas formas de famílias expandidas e de relacionamentos de diversas configurações.

A pergunta básica é: o que é um pai? E a resposta é complexa, porque o pai é sempre incerto. O velho Direito Romano resolveu simplificar a questão, estabelecendo o princípio jurídico de que “o pai é aquele que coabita com a mãe de uma criança”. Este pai biológico é “suposto” de ter fornecido o espermatozoide. Esta suposição nem sempre procede, o que relança a dúvida sobre a paternidade.

Freud (1972a, pág. 202) já havia adiantado toda essa problemática ao definir o “complexo paterno”, no texto sobre o Homem dos Ratos. Para ele, o verdadeiro pai, aquele que não falha em sua função, tem que cumprir dois requisitos: a) sustentar seu desejo em relação à mãe de uma criança; b) manter sua palavra sempre confiável. Ao deixar claro seu desejo em relação à mãe de uma criança, ele impõe barreira aos filhos de ocupar este mesmo lugar incestuosamente. E ao manter sua palavra confiável, isto é, o Nome-do-Pai e o Não-do-Pai, ele opera a castração simbólica, permitindo ao filho direcionar seu desejo para uma relação exogâmica.

Lacan (1995, pág. 385) faz o seguinte comentário: *Desde a morte de seu marido, uma mulher, a ele ligada por um pacto de amor eterno, tem a cada dez meses um filho dele.* Ao dizer que o verdadeiro pai é o pai morto, não necessariamente um defunto, mas reduzido a um significante, à lei, Lacan derruba o milenar Direito Romano, distinguindo o pai real (o genitor), o pai imaginário (fantasiado), e o verdadeiro pai, o pai simbólico (que exerce a função paterna). Passamos, assim, do homem descartável, ou genitor, para um pai necessário para manter a ordem social. Em outras palavras, os genitores são aqueles que proporcionam o primeiro nascimento de um bebê no momento do parto. Mas o segundo nascimento, que gera um sujeito humano, assujeitado à linguagem, à cultura e à lei, é efetuado pelo verdadeiro pai simbólico, coincidindo ou não com os pais reais biológicos.

Pensar a paternidade como uma função, uma questão psíquica, ligada ao desejo inconsciente e não simplesmente à biologia do espermatozoide, do óvulo e do DNA, justifica a descartabilidade do homem, da mulher, dos cônjuges e companheiros, substituíveis por um banco de sêmen congelado, cujo doador pode ser desconhecido, ou por uma “barriga de aluguel”. Portanto, um verdadeiro nascimento da subjetividade não pode acontecer sem uma função paterna, que pode ser exercida pelo pai, pela mãe, pelos avós e, até mesmo, por um filho menor ou outra pessoa que assuma esta função.

A ideia de uma mulher exercendo esta função já foi antecipada por Freud na história do Pequeno Hans, (Freud, 1972b, pág. 45), ao dizer: *Lembrem-nos da velha ameaça de sua mãe, de que ela lhe cortaria fora o pipi se ele continuasse brincando com ele.* Comentando este mesmo caso clínico, Lacan (1995, pág. 372) sugere que agora é uma criança que exerce a função paterna, quando Hans interpela seu pai que não demonstrava desejo pela esposa, ordenando: *Beije-a um pouco mais.* No original em francês deste seminário, uma nota de rodapé esclarece que o verbo *baiser* também significa ‘copular’, além de ‘beijar’.

O que precisa ser esclarecido aqui é o conceito de ‘pai verdadeiro’. Para a medicina é o genitor; para a psicanálise é o pai simbólico. Para ilustrar esta contenda, encontramos fundamentos na pintura, na mitologia e no cinema:

1) Na pintura

O pintor El Greco, no século XVI, nascido na Grécia, tendo passado a maior parte da vida na Espanha, em Toledo, deixou-nos o quadro da “Sagrada Família e Santa Ana”, que nos incita a pensar que ele era

psicanalista lacaniano. Seu estilo foi uma mistura de renascentista, maneirista e expressionista, insubordinado às regras oficiais da pintura e das proporções. Tinha a característica de desenhar formas alongadas em seus personagens, antecipando o que posteriormente veio a chamar-se de expressionismo. Esta foi uma crítica que lhe fizeram, além de lhe suporem equivocadamente que sofresse de astigmatismo ou estrabismo.

O que chama a atenção em sua tela é o fato de que pintou a Virgem Maria com seu ‘*bambino*’ e a presença de Santana, avó de Cristo. Isto era a sagrada família. O pai putativo, chamado José, não aparece na tela. Era o homem descartável. Havia, sim, no fundo do quadro, a figura de um homem que não era José, mas um desconhecido, possível mecenas que pagou pela obra. El Greco foi criticado por ter colocado na tela a figura de um personagem vivo, contemporâneo dele. Entretanto, ao denominar o quadro de ‘sagrada família’ só com aquelas três pessoas, sem referência ao pai, podemos inferir que ele nos insinuou a pensar que a função paterna do pai simbólico fosse ali desempenhada por uma ou pelas duas mulheres, exatamente como afirmou Lacan a respeito do Pequeno Hans (Lacan, 1995, pág. 397): *O pequeno Hans se inscreve numa espécie de linhagem matriarcal, ou, para ser mais simples e também mais estrito, de reduplicação materna, como se fosse necessário que houvesse um terceiro personagem, e que, à falta de que este seja o pai, seja a famosa avó.* O pai de Cristo nunca foi biológico, mas um pai divino e poderoso.

Um detalhe interessante é que El Greco assinava suas pinturas com seu nome próprio, em grego, (Δομενικος Τεοτοκοπουλος). Seu sobrenome, Teotokópulos, significa ‘mãe de Deus’. Ora, nos quatro primeiros séculos do Cristianismo, houve acirrada discussão sobre esta expressão. Não havia acordo sobre a afirmação de que Maria fosse, de fato, mãe de Deus, ou só ‘barriga de aluguel’, aquela que carregou Deus no ventre. Estava em jogo uma difícil questão filosófica e teológica, ou como explicar que uma criatura fosse mãe de seu próprio criador. A discussão só terminou quando foi proclamado o dogma da Maternidade divina. Assim, as atuais questões sobre inseminação artificial, fecundação *in vitro*, e reprodução assistida já eram, de certa maneira, vislumbradas lá.

2) Na Mitologia

Ao comentar a história do Édipo, Freud e Lacan se contradizem. O primeiro sempre insiste em que o verdadeiro pai foi Laio; o segundo (Lacan, 1988, pág. 370) defende a seguinte tese: *Se Édipo não tem complexo de Édipo, é porque, em sua história, não há pai algum. Aquele que lhe serviu de pai é seu pai adotivo. [...] A única função do pai, em*

nossa articulação, é a de ser um mito, sempre e unicamente o Nome-do-Pai, isto é, nada mais do que o pai morto.

Então: Complexo *de* Édipo ou *do* Édipo? Freud articula as duas formas, enquanto que, para Lacan, a segunda forma não procede. Com todo o respeito, faço ressalvas a Freud e a Lacan, argumentando que, na narrativa de Sófocles, podemos ver três tipos de pais do Édipo:

a) O primeiro é Laio, o genitor, o pai real biológico, que falhou em sua função paterna de interditar o incesto, quando abandonou, com o consentimento de Jocasta, o filho *infans*, sem orientá-lo para a cultura e a lei. Pelo contrário, entregou-o à morte, amarrado numa árvore.

b) O segundo pai de Édipo foi Pólipo, o rei de Corinto que, junto com a esposa Mérope, adotaram aquela criança, levada por pastores, tornando-se pais adotivos, ou imaginários. Estes também falharam em sua função de palavra confiável, porque mentiram para Édipo, ao afirmarem que eram seus pais biológicos. Édipo acreditava que eles eram pais verdadeiros, biológicos, segundo o Direito Romano. Mas alguém o advertiu da sentença do oráculo, e Édipo foge para que não se realizasse o parricídio anunciado. Nesta fuga para Tebas, ocorre a catástrofe de matar o pai Laio, achando que era um viajante qualquer.

c) O terceiro e verdadeiro pai de Édipo, o pai simbólico, foi a Esfinge, uma semi-mulher, que montava guarda no portão de Tebas, proibindo a entrada e saída das pessoas, até que fosse encontrado o assassino de Laio. A cidade estava sofrendo de uma peste que dizimava as pessoas e os animais. A entrada só seria permitida a quem respondesse ao enigma proposto pela Esfinge: “quem é que pela manhã anda de quatro, ao meio-dia anda de dois, e à tarde anda de três?” Antes do Édipo, ninguém soube a resposta simples: é o homem. O prêmio a ser recebido era o trono do rei morto e a mão da recém-viúva rainha Jocasta. Édipo entra em Tebas vitorioso, sem saber que iria encontrar sua tragédia.

Por que a Esfinge foi o verdadeiro pai aí? Porque foi ela que impôs a lei, fazendo proibições e exigências a Édipo, fazendo promessas e cumprindo sua palavra. A palavra confiável indica o pai simbólico, que deve ser morto simbolicamente também. Isto é, ela cumpriu os dois requisitos da função paterna propostos por Freud. Édipo nem encostou a mão nela. Seu parricídio agora foi simbólico, porque bastou-lhe responder com palavras, para que ela caísse de seu pedestal e morresse. Dizer que o verdadeiro pai é o pai simbólico decorre do fato de que o Real e o Imaginário encontram-se em todas as espécies animais, enquanto que a linguagem simbólica é o

apanágio exclusivo dos humanos. A Esfinge foi, portanto o mito do pai morto. Sendo assim, Édipo teve complexo de Édipo, de acordo com Freud e ao contrário de Lacan. Mas a Esfinge também falhou parcialmente ao não interditar a mãe Jocasta para Édipo.

3) No cinema

A questão do pai na filmografia de Wim Wenders é o mote do livro “Wim Wenders, psicanálise e cinema” (Netto, 2017, pág. 133). O cineasta nasceu no momento em que terminava a Segunda Guerra, quando a pátria alemã se sentia órfã de pai, já que Hitler falhou totalmente em sua função paterna, transgredindo todas as leis, em vez de cumprir a palavra assumida em juramento, em função do cargo público que exercia, e em vez de impor a lei a seus cidadãos.

Diante desta catástrofe universal que matou 40.000.000 de pessoas, o Cinema Novo Alemão, representado especialmente por Wim Wenders, Werner Fassbinder e Werner Herzog assumiu a missão de suprir a função paterna conspurcada, propondo uma catarse através da arte, no velho estilo do teatro grego, numa tentativa de resgatar a lei transgredida.

Neste livro, utilizo a distribuição dos filmes wenderianos em três fases, o que é uma unanimidade entre os críticos e estudiosos deste diretor-realizador, mas acrescento que cada fase focaliza um pai diferente: real, imaginário e simbólico.

Na primeira fase, com filmes feitos na Alemanha, de 1971 a 1974, especialmente “*O medo do goleiro diante do pênalti*”, em que o goleiro expulso mata sua amiga sem nenhum motivo, vejo alusões ao Hitler, o pai real, tipo pai da horda primitiva, que comete crimes banais por motivo torpe, sem culpa e sem punição. O título original é ‘angústia’ e não ‘medo’, o que realça mais o Real da angústia de castração. Mas o Real aqui aponta também para uma psicose coletiva e delirante, pela ausência total de lei e de pai simbólico.

Na segunda fase, nos Estados Unidos, a pátria adotada, de 1974 a 1987, especialmente “*Alice nas cidades*” e “*Paris-Texas*” são filmes que tratam, respectivamente, de uma menina e de um menino adotados por pais imaginários, tendo simultaneamente pais biológicos, numa espécie de processo analítico do diretor e todo o povo alemão, numa busca de nova identificação para o resgate da subjetividade.

Na terceira fase, de volta à Alemanha, 1987 a 1993, temos os dois filmes de anjos: “*Asas do desejo*” e “*Tão longe, tão perto*”, em que os anjos são representantes de Deus, a Lei Suprema, o pai simbólico. Agora a Guerra é mostrada como coisa do passado, os cidadãos conseguem falar sobre ela, uma vez feita a catarse da culpa e vergonha que não conseguiam expressar até então. As pessoas voltam a interagir e se amar, incluídos os anjos que descem do céu para participar de uma experiência humana inédita, amando uma mulher. E a Alemanha volta a ser um lar, quando antes era só uma casa, de onde as pessoas saíam para se refugiar em outras pátrias. No segundo filme citado, já nem há o Muro de Berlim.

Conclusão

A pergunta que não cessa de incomodar é a seguinte: nos dias de hoje, o que acontece com a função paterna? Em alguns meios lacanianos, há uma tendência a decretar uma suposta falência da função paterna, com maus agouros de desordem ou de catástrofe. O argumento utilizado é de que o fenômeno da globalização teria provocado uma mudança de direção da função paterna que antes era vertical, e hoje é horizontal. Por conseguinte, concluem, a psicanálise faliu também, e é preciso inventar uma nova psicanálise que leve isso em conta, abandone a teoria do Complexo de Édipo, a cura pela palavra, o inconsciente estruturado como linguagem, isto é, que abandone a clínica do Simbólico, para que esta se transforme numa misteriosa e confusa clínica do Real, numa recaída ou retorno à biologia.

Tal proposta me parece uma falsa questão, porque não parece que simples fenômenos culturais venham a afetar tão significativamente o psiquismo e o inconsciente. Pouco importa a direção: de cima para baixo, de baixo para cima, ou para os lados. O essencial é que a lei e a função paterna sejam exercidas por qualquer operador simbólico.

Por isso, acredito que a horizontalidade alegada só vem a favor da função paterna e do bom prognóstico da lei em nossa cultura. Nosso inconsciente não registra espaço vertical, horizontal etc. e é aparelhado para suportar as turbulências imaginárias e culturais de completude, globalização ou felicidade eterna, estruturado como ele é de linguagem e, portanto, de cultura, e de uma falta simbólica que nos causa mal-estar, mas que nos constitui como sujeitos humanos.

De fato, o que é que está falindo? É a antiga posição daquele pai da horda primitiva, que Lacan chamava de “pai fodedor”, mais homem do que pai, autoritário, dominador e centralizador, do tempo do *pater-familias*, que tratava a esposa, os filhos, os fâmulos, os animais da fazenda como

propriedade particular, inalienável e não-desejante. Este pai foi, sim, descartado pelos filhos. Esta verticalidade foi modificada pelo fenômeno também cultural da industrialização, quando o homem deixou de ser patrão para ser um funcionário assalariado e nivelado a qualquer cidadão.

O que está acontecendo é o fenômeno que Freud chamava de deslocamento. A autoridade paterna deslocou-se horizontalmente (?), migrando para outras pessoas, as mulheres especialmente, que agora dividem com os homens a função paterna. Aí está o que vem sendo chamado de ‘empoderamento’ das mulheres. Então, a globalização é isto também. Todo mundo detém uma parte da função paterna, que se fortalece numa distribuição democrática.

O que é o empoderamento? Com o apoio da psicanálise, as mulheres sempre rejeitaram uma interpretação equivocada desde a época da hipnose charcotiana, quando os médicos receitavam para as histéricas uma dose de pênis, um estupro, entendendo que era isso que lhes faltava, que elas tinham inveja do pênis do homem. Freud trocou o significante pênis pelo conceito de falo, e Lacan (1986, pág. 85) avançou mais propondo o Falo (simbólico, com maiúscula), e esclarecendo a diferença entre Ser e Ter o Falo: a mulher é o Falo, sem ter o falo. O homem se ilude por ter um falo (minúsculo) imaginário.

Más traduções das obras de Freud e uma interpretação misógina descaracterizaram a ideia de que a inveja não era do órgão anatômico biológico, mas do falo simbólico, do poder e liberdade que os homens sempre tiveram a mais que as mulheres, o que agora está sendo recuperado com o nome de um merecido empoderamento e melhor distribuição da função paterna. Lacan retomou a antiga proposta tiresiana de que a mulher goza sete vezes mais, com o conceito de gozo feminino, ou Outro Gozo. O prognóstico, então, é bem saudável para o bem de todos e a estabilidade da ordem social. E é bom também já pensar num ‘retorno a Lacan’.

Referências

- Freud, Sigmund. *Notas sobre um caso de neurose obsessiva*, Rio de Janeiro, Imago, 1972a.
Freud, Sigmund. *Análise de uma fobia em um menino de cinco anos*, Rio de Janeiro, Imago, 1972b.
Lacan, Jacques. *Hamlet por Lacan*, Campinas, S.P., Liubliú, 1986.
Lacan, Jacques. *A ética da psicanálise, Seminário 7*, Rio de Janeiro, Zahar, 1988.
Lacan, Jacques. *A relação de objeto, Seminário 4*, Rio de Janeiro, Zahar, 1995.
Leite, Márcio Peter de Souza, *Psicanálise lacaniana*, São Paulo, Iluminuras, 2.000.
Netto, Geraldino A. F. *Wim Wenders, Psicanálise e cinema*, Campinas, S.P., Pontes, 2017.

Texto apresentado no Café Lacaniano de Goiânia, Go, no dia 4 de março de 2017, e em Campinas, S.P. no dia 25 de março de 2017.

